

Gythana Dantas Cidreira¹Ema Marta Dunck Cintra²**Resumo**

Será que é possível a prevenção do suicídio dentro do contexto escolar tendo a formação continuada como uma aliada nessa situação? Esta foi a questão que moveu a pesquisa aqui apresentada que teve como objetivo desenvolver uma formação continuada em serviço para promover a reflexão dos professores sobre o suicídio no contexto escolar, apresentando formas para a sua prevenção. Para isso, foi feita uma pesquisa com abordagem qualitativa e de natureza aplicada. O principal procedimento foi a pesquisa-ação com o uso de questionários aplicados com 40 professores do ensino básico, técnico e tecnológico do Instituto Federal do Mato Grosso. Sobre esses foi feita a análise de conteúdo que subsidiou a formação. A análise dos dados apontou que a maioria dos professores já esteve diante de um estudante em risco de suicídio e que grande parte deles não sabe como agir diante dessa situação. A formação continuada com a temática sobre comportamento suicida alcançou o objetivo proposto e pôde acrescentar, de forma significativa, novos conhecimentos tanto para a prática docente quanto para a (com)vivência no contexto escolar.

Palavras-chave: Prevenção do suicídio. Formação continuada. Relação professor-aluno.

Abstract

Is it possible to prevent suicide within the school context having continuing education as an ally in this situation? This was the reason for this research which aimed at developing an in-service continuing education program to foster reflections by teachers about suicide, in the educational context, by presenting ways to prevent it. Thus, a study with qualitative approach and of an applied nature was carried out. The main procedure was through research-action with the use of questionnaires answered by 40 teachers of basic, technical and technological education at the Federal Institute of Mato Grosso. The information obtained was analyzed and used in the training program. The data also showed that most of the teachers have already been in contact with students with a risk of committing suicide, and most of them do not know how to act in such a situation. The continuing education focusing on suicidal behavior achieved the proposed objective and contributed in a meaningful way, bringing new knowledge both for teacher practice and for the (co)existence of the different actors in the educational environment.

Keywords: Suicide Prevention. Continuing education. Teacher-student relationship.

1 Introdução

Em torno de três mil pessoas se matam diariamente em todo o mundo segundo a Organização Mundial de Saúde (2000), sendo um número que cresceu 43,8%, entre 1980 e 2005 no Brasil (CVV, 2005), especialmente entre os jovens na faixa-etária de 15 a 35 anos.

¹Mestre em Educação Profissional e Tecnológica (IFMT), Graduada em Psicologia (ULBRA-TO), Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Graduada em Pedagogia (IAENE-BA), Membro do comitê de mobilizadores da educação (MEC), Atua na Coordenação Pedagógica do Instituto Federal do Tocantins. E-mail: gythana.cidreira@ifto.edu.br. Psicóloga Clínica com experiência em atendimento do Comportamento Suicida. E-mail: gythanapsi@gmail.com

² Doutora e mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás Graduada em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso, Professora do curso de Letras (IFG-Campus Goiânia). E-mail: ema.cintra@ifg.edu.br . <https://orcid.org/0000-0002-0888-3747>

Idade em que muitos se encontram na educação básica ou ensino superior.

O suicídio é configurado como morte intencional e autoinfligida que, como expressão máxima da dor emocional, é multifatorial. Só que o comportamento suicida e as questões emocionais são vistos de modo equivocado, pois normalmente são feitas leituras pautadas numa ótica individual e biológica, desconsiderando o contexto em que o suicídio ocorre. Segundo Fukumitsu (2013) não se leva em consideração como as relações humanas satisfatórias podem ser fatores de proteção para o comportamento suicida.

Devido às possíveis consequências do comportamento suicida no ambiente educativo e na vida dos estudantes, essa tem sido uma preocupação de equipes multiprofissionais, incluindo pedagogos, professores e psicólogos. E aqui estão incluídos tanto o suicídio já consumado como as tentativas relatadas.

A Escola, enquanto instituição social deveria considerar as questões do cuidado no que tange os relacionamentos interpessoais. Nesse sentido, a educação passa a ter um papel diferenciado e significativo para a construção de relações humanas saudáveis que são imprescindíveis para a qualidade de vida da pessoa. Por isso, considera-se que o contexto escolar pode ser um elemento importante e colaborador na prevenção do comportamento suicida.

Essa é a temática deste artigo que tem o propósito de descrever uma pesquisa desenvolvida no Instituto Federal do Mato Grosso - IFMT/Campus Cel. Octayde Jorge da Silva-Cuiabá que discutiu sobre o suicídio no contexto escolar e de como a formação continuada pode ser uma aliada para a sua prevenção.

Pautando-se em uma abordagem qualitativa (MINAYO, 2007), de natureza aplicada, utilizando para isso os procedimentos da pesquisa-ação (THIOLENT, 1994), passamos a descrever esse processo, descrevendo a fundamentação teórica que sustentou a pesquisa e o resultado a que se chegou com a formação continuada ofertada aos docentes.

2 Suicídio, escola e prevenção.

O suicídio e sua prevenção no ambiente escolar é um tema que envolve sensibilidade. Refletir sobre esse fenômeno, e se dedicar a pensar estratégias para o seu enfrentamento em um ambiente que se dedica à vida e a aprendizagem, é uma ação que envolve um conhecimento teórico, bem como envolve o interesse empático concernente ao sofrimento humano. Shneidman (1993) afirma que o suicídio revela a “Psychache”, compreendida como a expressão máxima do sofrimento existencial provocada pelo sofrimento psíquico intenso.

Segundo Fukumitsu (2016, p.169) “o suicídio é o ápice do processo de morrência”. Para a autora, nesse processo, o indivíduo é invadido por crenças pelas quais vislumbra a morte como a única solução para seus problemas.

Esse é um fator preocupante quando se observa que o suicídio em indivíduos de ambos os sexos, com idade entre 15 e 35 anos, é a terceira causa de morte, um momento na vida em que grande parte se encontra em ambientes educativos formais.

Anualmente, segundo a organização mundial da saúde, há aproximadamente um milhão de mortes que ocorrem por suicídio em todo mundo. Pesquisas mostram que entre indivíduos internados em decorrência a tentativas de suicídio não há um único perfil clínico (RAPELI; BOTECA, 2005). Nem sempre as tentativas de suicídio estão relacionadas a depressão, embora alguns casos possam estar associados. Esse dado pode ser investigado por meio de autópsia psicológica³. Sobre isso, Cunha (2009, p. 197) afirma que

a avaliação retrospectiva possibilita, então, observar pistas diretas ou indiretas relacionadas àquele comportamento letal que estava por vir, permitindo, através do método que se convencionou chamar de autópsia psicológica, compreender os aspectos psicológicos de uma morte específica, esclarecendo o modo da morte, refletindo a intenção letal ou não do falecido.

Segundo Cunha (2009), o objetivo da autópsia psicológica é buscar informações para uma compreensão sobre “por quê?” (motivação), “como” (letalidade), “de quê?” (intencionalidade) e “o quê?” (precipitadores e/ou estressores), utilizando-se de vários instrumentos para conseguir se chegar a um diagnóstico.

Outro aspecto importante quando se discute sobre o suicídio refere-se à ideação que, segundo Dalgarrondo (2009), são pensamentos recorrentes. No caso da ideação suicida, são pensamentos recorrentes de morte e essa deve ser sempre investigada cuidadosamente, especialmente em indivíduos com humor triste. A ideação, juntamente com o comportamento depressivo, principalmente quando relacionado à angústia e à desesperança, acontecem dessa maneira: inicialmente ocorrem ideias relacionadas à morte, posteriormente ideias suicidas seguidas de planos suicidas, finalizando com ações e tentativas de suicídio que culminam ou não em morte. Assunto que deveria de alguma maneira, ser sempre observado e acompanhado.

³ A autópsia psicológica é um procedimento que tem como objetivo coletar dados esclarecendo possíveis dúvidas relacionadas a mortes por suicídio. Dessa forma busca-se descobrir quais possíveis fatores poderiam ter influenciado no comportamento autodestrutivo culminando com a morte. Nesse processo, é possível descartar outras possibilidades que porventura poderiam ter ocasionado aquela morte, tais como acidentes ou homicídios (CUNHA, 2009).

É importante destacar que se percebe uma correlação entre fatores socioculturais e o comportamento suicida. A percepção negativa quanto ao futuro pode ser agravada por conflitos constantes como, por exemplo, no âmbito familiar. Isso pode favorecer a construção de auto falas negativas que contribuem de forma direta com o repertório comportamental e a relação com as tentativas de suicídio. Eventos traumáticos na infância, principalmente se não houve apoio e suporte para lidar com o trauma, bem como padrões comportamentais destrutivos na família, poderão acarretar graves consequências para o indivíduo.

Não se separa o que ocorre no contexto familiar com o universo escolar, pois o que se vivencia naquele contexto, adentra no espaço educativo formal. Nesse sentido, entende-se que seja importante discutir sobre a escola como um lugar de acolhimento. Entretanto, há os que tendem a fazer uma distinção entre esses dois ambientes, porém, o ser humano é um ser integral e isso o constitui enquanto indivíduo em todos os contextos e de forma concomitante, pois nesses espaços é afetado em todos os sentidos.

Por isso, Rodrigues (2001, p. 253-254) considera que é necessária uma outra visão de escola, considerando não apenas os conteúdos, o papel dos professores ou da relação da escola com a sociedade, mas, sobretudo, o papel social que essa instituição possui, ocupando-se com a formação integral do ser humano e tendo como missão a formação do sujeito ético. As relações ali estabelecidas, quando sustentadas por afeto e interesse mútuo, podem ser mais significativas e trazer benefícios importantes na vida em sua integralidade.

Ao se referir ao processo ensino e aprendizagem, entende-se que se abarca todo aprendizado formal, informal, bem como intencional e subjetivo. O próprio processo de viver, em um sentido mais amplo, já é por si só um processo educativo em que, a todo o momento, se aprende e reaprende por meio de experiências educativas sistemáticas e assistemáticas.

Nesse contexto em que se têm práticas educativas sistematizadas, Leite e Tassoni (2020, p. 9-10) afirmam que a afetividade deve ser contínua nas interações, pois influencia nos processos de desenvolvimento cognitivo. Segundo os autores, a afetividade é um fator de grande importância na determinação das relações que são estabelecidas entre alunos, professores e objetos do conhecimento.

Nesse sentido, é de extrema importância que se reflita sobre que tipo de educação é esta que não considera a história de vida idiossincrática dos seus alunos. É indiscutível que a atividade pedagógica está intimamente ligada a pessoas e, conseqüentemente, a todos os aspectos que envolvem a natureza humana. As emoções e sentimentos permeiam toda e qualquer ação em que existe a relação humana, incluindo a entre professor-aluno. Assim, faz-

se necessário refletir sobre a importância do afeto em tais relações que podem, em muito, contribuir para que ambas as partes se sintam em melhor condição emocional durante a troca e a aquisição do conhecimento, afinal, a afetividade tem um grande “poder” de transformar contextos. Nesse sentido Wallon (1986, p. 146) considera que as emoções são fundamentais para a aprendizagem, uma vez que elas interferem diretamente na coesão de sentimentos, atitudes e reações.

Sobre isso Antunes (1997, p. 20) comenta que a “escola” não é simplesmente uma instituição de ensino. “A vida é uma escola e o mundo uma sala de aula que se renova a cada dia”. É imprescindível que professores procurem tornar o ambiente escolar mais acolhedor, planejando e estruturando os conteúdos de forma a considerar todos os aspectos envolvidos, inclusive o relacional. O professor deve pesquisar sobre métodos mais apropriados, melhores estratégias didáticas e de avaliação, levando em consideração o respeito pelas diferenças e suas variáveis não apenas no processo ensino-aprendizagem, mas em suas demandas humanas.

Além disso, as escolas precisam compreender de forma adequada o porquê da existência de tantos casos de estudantes em sofrimento e intervir não somente em políticas de assistência social, mas também nas relações professor-aluno e demais relações no ambiente educativo para que tais circunstâncias sejam amenizadas.

Diante dos enfoques já apontados, Ens (2006, p. 19) afirma que existe “a necessidade de renovação da instituição educacional e a criação de um novo modelo para formar o professor que não poderá se reduzir ao domínio do conteúdo das disciplinas e à técnica para transmiti-lo”. Muitos estudantes se encontram em sofrimento extremo devido aos mais variados fatores e, muitas vezes, veem no professor uma referência de apoio, enfim, alguém que os escute.

Então parece que buscar um ambiente planejado e acolhedor no contexto escolar poderá trazer melhores resultados ou efeitos para todos os envolvidos. Skinner (1980, p.220) afirma que “os homens são felizes num ambiente em que o comportamento ativo, produtivo e criativo é reforçado de maneira efetiva”.

No entanto, reconhecem-se as limitações do professor enquanto ser humano e seus desafios nas mais diversas questões. Ao mesmo tempo, ratifica-se a sua importância peculiar no processo ensino-aprendizagem e na formação integral do ser humano. Assim, percebe-se o potencial transformador de uma relação significativa entre aluno e professor que se justifica não apenas por uma formação acadêmica, mas sobretudo pelo desenvolvimento e crescimento de ambos enquanto seres humanos.

Ao contrário do que propõe a tradição intelectualista do ensino, e ao se considerar a pedagogia inspirada na Psicogenética Walloniana, não se considera o desenvolvimento cognitivo como uma meta máxima, pelo contrário, tal aspecto é um meio para a meta maior, que seria desenvolver o indivíduo de forma integral. Afinal, a inteligência é parte no todo constituído pela pessoa (GALVÃO, 2007, p. 98). Nesse sentido, entende-se a escola como parte de um todo, pois a formação humana deve abranger todos os aspectos da vida. Daí a importância de que a escola seja também um espaço de acolhimento, considerando todas as demandas, inclusive, de ordem emocional que estão presentes na sociedade em geral.

Bueno (2011, s/p) comenta que

É muito melhor aprender e ensinar quando existe afeto envolvido. Afeto não é apenas beijinhos, palavras melosas. Afeto é afetar. É o compromisso de transformar o outro. O coletivo. É desafiar, abrir caminhos. É dar as mãos, é generosidade. Não se educa sem generosidade. A escolha por ser professor deve passar por essa reflexão. Serei capaz de me entregar com afeto à minha profissão? Serei capaz de afetar o outro de forma a transformar a sua vida? Somos marcados por mapas afetivos para sempre! Escuto muitas pessoas dizendo que escolheram as suas profissões por conta de um professor específico. Por quê? Pela forma como esse professor afetou você pelo conhecimento. O afeto está na preparação da aula. Nas escolhas do professor. Na voz, no toque, nos pequenos gestos. No silêncio, na forma como esse avalia. Aprendi que de nada vale estar em uma superescola, com um supermaterial, num superespaço, numa superlinha pedagógica se não há seres capazes de afetar e dispostos a serem afetados pelos outros! Afeto é o que fica. Esse afeto que percebe que o educar se faz nas miudezas. Para além de toda a tecnologia pedagógica atual (BUENO 2011, s/p).

Um estudante que esteja em sofrimento por questões emocionais, inclusive com ideia suicida, pode ter seu estado amenizado se tão somente encontrar alguém disposto a ouvi-lo, não julgando, mas acolhendo-o. Embora aparentemente seja um ato “simples” ou “pequeno”, tal atitude pode fazer a diferença entre a vida e um ato suicida. Daí a importância de que as atitudes dos professores sejam sempre permeadas pelo acolhimento, “simpatia, respeito e apreciação, além de compreensão, aceitação e valorização do outro; tais sentimentos não só marcam a relação do aluno com o objeto de conhecimento, como também afetam suas decisões” (LEITE; TASSONI, 2020, p.20).

Por maiores que sejam os desafios e as dificuldades enfrentadas no relacionamento professor-aluno, tais relações são insubstituíveis. Mesmo com o crescente desenvolvimento da tecnologia e máquinas cada vez mais “inteligentes”, o afeto, valores, princípios éticos e morais só podem ser ensinados por seres humanos e, no contexto escolar, o professor ocupa este “lugar” que o possibilita contribuir para interações humanas mais saudáveis.

Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo [...] este

saber, o da importância desses gestos que se multiplicam diariamente nas tramas do espaço escolar, é algo sobre que teríamos de refletir seriamente (FREIRE, 1996, p. 42-43).

Neste sentido, Pereira (2004) afirma que grande parte dos docentes são os heróis que “nos acolhem, sem dar colo ou passar a mão na cabeça, mas nos tratam de forma afetiva e respeitosa e ficam eternizados em nossa memória e, muitas vezes, suas vozes ecoam em tudo que fazemos” (PEREIRA, 2004, p. 16). O que é ratificado por Freire (1996 p.144) “lido com gente e não com coisas [...] desde que não prejudique o tempo normal da docência, não posso fechar-me a seu sofrimento ou a sua inquietação”.

Ao ser empático, além de ensinar conteúdos curriculares, um professor pode, em muito, contribuir para que um estudante se sinta acolhido, compreendido, e conseqüentemente, mais feliz, estabelecendo uma relação de confiança com base no respeito e afeto, e assim desenvolver de forma mais eficaz o seu potencial numa perspectiva de formação integral.

Atualmente o suicídio, em diversos contextos, está ligado de alguma forma aos mais diversos problemas humanos. No entanto, na perspectiva da Educação, a questão não é evitar o sofrimento do aluno a todo custo, o que é indiscutivelmente impossível, mas acolhê-lo. Para isso, a formação continuada de professores favorece uma aquisição satisfatória do conhecimento que não deve ser vista de forma aversiva ou impositiva. É o que discutiremos a seguir.

2.1. Formação continuada

É importante a formação contínua dos professores com vistas a prepará-lo para o manejo das diversas demandas que podem surgir no contexto escolar. Tais demandas nem sempre são de ordem pedagógica, podendo estar relacionadas aos mais diversos aspectos, inclusive o emocional e social, fazendo parte de tais formações, conforme observado na discussão empreendida anteriormente neste texto. Freire (1996, p.141) afirma “na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. Há professores cientificamente preparados, mas autoritários, frios, e sem nenhum controle emocional”, mas esta não é a proposta que se pretende como a ideal nos contextos educacionais.

Nesse aspecto, é salutar se apoiar em Santos (2001, p. 23) que diz que “o que está sendo enfatizado é a necessidade de se formar um docente inquiridor, questionador, investigador, reflexivo e crítico, que seja capaz de problematizar criticamente a realidade com

a qual se defronta, adotando uma atitude ativa no enfrentamento do cotidiano escolar”. E que cotidiano é esse? Quais demandas esse cotidiano impõe ao professor hoje?

Uma dessas demandas é sobre o suicídio, pois tem sido, entre outras questões, um problema cada vez mais visível dentro e fora do ambiente escolar. E diante disso se pergunta o quanto os professores se sentem preparados para tal demanda. Nóvoa (1991 p. 30) afirma, ao comentar sobre os objetivos que devem ser alcançados na formação continuada, que o tal objetivo “só adquire credibilidade se os programas de formação se estruturam em torno de problemas e de projetos de ação e não em torno de conteúdos acadêmicos”.

Libâneo (1994, p. 249) argumenta que “as relações entre professores e alunos, as formas de comunicação, os aspectos afetivos e emocionais, a dinâmica das manifestações na sala de aula faz parte das condições organizativas do trabalho docente”. Daí ser necessário que a temática sobre a prevenção do suicídio no contexto escolar também faça parte dos cursos de formação continuada.

Para Imbernón (2011), a formação continuada é uma questão muito ampla, pois está ligada além da aprendizagem do conteúdo a ser dado em sala de aula, porque a formação de professores abrange os aspectos relevantes que se atribui ao “ser professor”. E ao se pensar nessa expressão usada pelo autor, “ser professor”, entende-se que este “lugar” pode ser privilegiado, pois tem a possibilidade de transformar a realidade social.

Sacristán (1998, p.28) se posiciona ao dizer que a prática docente é uma ação transformadora de uma realidade e afirma que tal prática deve ser compreendida como “uma práxis que envolve a dialética entre o conhecimento e a ação com o objetivo de conseguir um fim, buscando uma transformação, cuja capacidade de mudar o mundo reside na possibilidade de transformar os outros”.

Levantar novas questões da prática docente e buscar compreendê-las sob outras perspectivas, tanto da teoria como na própria prática, permitem a articulação de novos saberes na construção da docência. O diálogo entre os envolvidos no processo de formação deve ser valorizado (IMBERNÓN, 2010). O autor afirma que uma formação que parte das situações reais no cotidiano escolar pode mudar a realidade no qual os seres humanos estão envolvidos, mas isso só ocorrerá se os professores também mudarem de opinião, buscando formação que os auxilie a atuar nesse contexto. O que é corroborado com Montoan (2006) que diz que o sistema de ensino tem que se envolver e propiciar a formação continuada dos professores, mas que eles precisam estar abertos e decididos a aprender sempre.

Com vistas à compreensão de Formação Continuada, faz-se necessário que os professores revelem suas compreensões pessoais no trato do fenômeno e sejam confrontados com o processo reflexivo desencadeado. Para isso, Nóvoa (1992) argumenta que é preciso evitar o consumismo de cursos que caracterizam o atual “mercado da formação” que está alheio às reais demandas dos professores. Ou seja, com enfoque apenas em questões metodológicas e didáticas, sem considerar questões práticas no que se refere ao cotidiano do espaço escolar, bem como as relações humanas, existenciais e emocionais.

Nesse sentido, observa-se a importância da formação continuada, pois ela colabora para que os conflitos que adentram na escola sejam minimizados, entre eles, a questão do suicídio que pode ser temática para estudo entre os profissionais docentes.

3 Metodologia

De abordagem qualitativa e de natureza aplicada (MINAYO, 2007), esta pesquisa teve como procedimento principal a pesquisa-ação que, segundo Thiollent (1994), é uma investigação de caráter social e empírico que promove uma aproximação bem importante na busca de solução para um problema coletivo.

Realizada no Instituto Federal do Mato Grosso – Campus Cuiabá Coronel Octayde Jorge da Silva, a coleta de dados iniciais ocorreu por meio de um questionário respondido pelos docentes⁴ cujos dados analisados serviram de base para o planejamento da proposta de formação continuada que ficou organizada em cinco etapas. Os professores foram de diferentes segmentos da instituição, do nível médio, técnico e tecnológico do Instituto Federal do Mato Grosso.

a) Contextualização que teve como objetivo situar os professores no que tange a realidade vivenciada por eles diante de situações já experienciadas relacionadas ao comportamento suicida dentro do espaço escolar. Nesta etapa foram apresentados os dados obtidos por meio do questionário aplicado aos professores.

b) Exposição do tema que teve como objetivo expor o tema do curso, abordando conceitos e a fundamentação teórica sobre o comportamento suicida e sua prevenção.

c) Interação que teve como objetivo dirimir possíveis dúvidas e proporcionar a interação e mediação (VYGOSTSKY, 1998) entre os participantes, por meio de “perguntas e respostas”.

⁴ Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do IFMT via Plataforma Brasil e aprovada com o número 4.016.766.

d) Elaboração que teve como objetivo construir um mapa conceitual pelos participantes, como um recurso didático para o fechamento da formação, reforçando os principais conceitos apresentados durante o curso de formação.

e) Avaliação que teve como objetivo avaliar o curso de formação pelos docentes com um instrumento já elaborado, com possibilidade para contribuições, observações e sugestões⁵.

Para analisar as respostas, tanto do primeiro como do segundo questionário foi utilizada a análise de conteúdo com a opção pela categoria temática (BARDIN, 1995).

A partir da análise das respostas dos primeiros questionários, foram criadas cinco categorias sendo elas: “Como identificar”, “Como intervir”, “Fatores disparadores”, “Ações preventivas” e “Encaminhamentos”. É o que passamos a mostrar. Primeiro serão descritas as questões dos questionários e os dados quantitativos obtidos a partir delas. Em seguida, será apresentada a análise qualitativa sobre as categorias obtidas (BARDIN, 1995).

4 - Análise dos dados (resultados e discussões)⁶

4.1 As três primeiras questões reportavam-se às seguintes perguntas:

1. Você já esteve diante de um estudante que tenha demonstrado um estado emocional fragilizado que sugere um possível risco de suicídio?

De acordo com as respostas obtidas, 65 % por professores pesquisados responderam que sim e 35% que não. Nota-se que a maioria dos professores já esteve diante de um estudante em risco de suicídio. Estes dados mostram que a prevenção do suicídio dentro do contexto escolar é um fenômeno que precisa ser analisado e discutido de forma ampla e, sobretudo, crítica.

2. Caso estivesse diante de uma situação como a descrita na pergunta anterior, saberia como agir?

Já para essa questão, 60% dos participantes responderam que não e 40 % que sim. Aqui foi perceptível a carência do conhecimento prático dos docentes em conseguir ajudar estudantes em potencial risco de suicídio. Este dado é importante no sentido de mostrar que há a necessidade de que a escola se preocupe com as propostas de formação continuada,

⁵ O interesse central desta investigação foi norteado pelo desejo em contribuir com a prevenção do suicídio no contexto escolar por meio da oferta de uma formação continuada em serviço. Inicialmente havia se pensado em uma formação presencial, no entanto, devido a uma realidade de cunho global, a pandemia do vírus Sarcov-2 que causa a doença conhecida por COVID-19, a formação se deu em Plataforma Digital via Google Meet.

⁶ As questões foram respondidas por 40 docentes que aqui estão identificados como P1, P2, P3 sucessivamente.

agregando conteúdos que vão além da matriz curricular ou questões de caráter metodológico e teórico.

3. Se tivesse oportunidade, gostaria de participar de uma formação de caráter voluntário sobre esta temática (prevenção do suicídio)?

Dentre as respostas obtidas, 92,5% responderam que sim e 7,5 responderam que não. Ficou evidente a demanda dos professores no que tange à necessidade de conhecimento sobre a prevenção do suicídio no ambiente escolar.

A última pergunta foi aberta para que os professores expusessem suas percepções sobre o que eles gostariam que fosse apresentado no Curso de Formação. A partir das respostas obtidas nesta questão é que foi pensado o currículo da formação que seria disponibilizado aos participantes do curso. Da análise dessas respostas, foi possível identificar cinco categorias: 1) “Como identificar”, 2) “Como intervir”, 3) “Fatores disparadores”, 4) “Ações preventivas” e 5) “Encaminhamentos”.

4.1.1 - Como identificar

Um dos apontamentos dos docentes foi justamente em saber identificar, como observado a seguir: Quais características podem identificar casos de potencial suicidas em sala de aula (P2); Como identificar e agir numa situação dessa natureza (P5); Que aspectos são fundamentais para se observar (P12). Nas respostas, ficou evidente a carência do conhecimento prático dos docentes em conseguir ajudar e identificar estudantes em potencial risco de suicídio.

4.1.2 - Como intervir:

Há uma grande preocupação por parte dos docentes em saber como intervir, entre as questões estão: O que fazer em casos de emergência; como fazer a abordagem do tema com a turma do estudante (P2); Qual é a fala ou procedimento mais assertivo quando o aluno fala ao professor que pretende tentar o suicídio ou está muito triste (P19).

Além disso, ficou manifesta a preocupação em relação à família do aluno: Como o professor pode apoiar um estudante e sua família em caso de risco de suicídio - sugestões, alternativas de atuação (P3); Como fazer as primeiras orientações, devemos contactar os pais. (P9); Como agir diante de uma pessoa que esteja pensando em suicídio, quais as melhores palavras nesse momento (P.11).

O que é também observado nos seguintes apontamentos, pois se percebe que os professores gostariam de saber como intervir diante de um aluno em risco de suicídio: Procedimentos emergenciais (P7); Que comportamentos, o professor, precisa ter inicialmente

quando um estudante com problemas de suicídio se revelar; estratégias para conquistar uma rede de apoio entre os colegas desse estudante (P14); Gostaria de saber como poderia proceder caso percebesse algum sinal ou comportamento do aluno (P.18); Como proceder quando um aluno compartilha que tentou suicídio e está em tratamento (P18).

O papel dos professores requer o entendimento de suas limitações enquanto profissionais da Educação no quesito de como intervir. A ideia não é “transformá-los” em psicólogos ou psiquiatras. Todavia, a instituição escolar e os professores podem, em muito, intervir dentro da sua esfera de atuação, compreendendo a necessidade da escuta e acolhimento dos estudantes advindos dos mais diversos contextos. O que eles precisam reconhecer é que no ambiente escolar os alunos poderão encontrar, na figura de um(a) professor(a), um apoio que poderá fazer grande diferença no momento oportuno, ou seja, seria uma intervenção emocional de “primeiros socorros”. Enfim, a partir dos dados obtidos, percebeu-se, na fala dos professores, que demonstraram clareza de seu papel enquanto educadores e seu desejo de saber como intervir.

Aqui é importante se reportar à palavra *Psychache* que é compreendida como uma dor profunda da existência humana, a maior expressão da dor existencial ou sofrimento humano. PSY – Psiquê – “alma”. A partir da palavra *Psychache*, Fukumitsu (2019) fez um acróstico que sistematiza o papel de quem acolhe: A.C.H.E, traduzida para o português como “dor”. As letras iniciais correspondendo às ações de: A – Acolher, C – Cuidar, H – Habilitar, E – Equilibrar ou Esperançar. Existe uma diferença entre acolher e cuidar, muitas pessoas têm essa dúvida. Acolher é uma via de mão única. Eu acolho e pronto. Sem condições, sem julgamento e legítimo o sofrimento. Cuidar: É uma via de mão dupla. A pessoa em sofrimento precisa “me ajudar a ajudá-la”.

4.1.3 - Fatores Disparadores:

Ao se falar em fatores de risco ou de prevenção, o correto seria dizer que esses fatores “se relacionam” com o fenômeno do comportamento suicida, mas não se pode dizer que os fatores de risco “causam” o suicídio, pois não são causas deterministas ou finalísticas. É necessário compreender que o suicídio é multifatorial. É preciso percebê-lo a partir da visão da plurietiologia, caso contrário corre-se o risco de empobrecer a realidade, não considerando o aspecto multifatorial e complexo do fenômeno do comportamento suicida.

Foi interessante notar o que os professores apontaram como possíveis causas que se relacionam com o suicídio, descrito aqui como “fatores disparadores”: a pressão social/religiosa; excesso de perfeição/beleza nas redes sociais (P6); depressão em jovens

(P13); moralização dos indivíduos (P15); assédio sexual (P16); questões das minorias, gênero, sexualidade, racismo (P16); metabolismo social, vulnerabilidade social, machismo (P24).

Segundo Fukumitsu (2013), o comportamento suicida pode ser compreendido tanto como um ato humano que escancara o desamparo, o desespero e a desesperança quanto como um processo acumulativo e intenso de sofrimento existencial. O suicídio não pode ser “evitado”, não se evita um desastre. O Suicídio é um desastre existencial. Portanto, não pode ser evitado e, sim, prevenido. A autora afirma que “(...) há possibilidades para prevenir. No entanto, prevenção não significa previsão” (FUKUMITSU, 2013, p. 58). Precisa-se trabalhar com a prevenção do suicídio e não pensar em evitá-lo. O fenômeno do suicídio pode ser considerado como um baixo repertório comportamental somado a um acidente emocional ou “desastre existencial”. O que pode ser, também, o resultado de uma preocupação apontado por um participante da pesquisa quando disse que a pressão da escola por resultados (avaliação) e o modelo tradicional de ensino acabam reproduzindo desigualdades e categorizando alunos que não estão percebendo um tratamento com igualdade substancial (P16).

4.1.4 - Ações preventivas:

Não se pode negar ou simplesmente ignorar o fato de que a relação aluno-professor tem potencial humano a ser explorado, tem lições a serem ensinadas e aprendidas por ambos os lados, já que permite o desenvolvimento de vínculos que possibilitam um crescimento pessoal de ambos. Zinker (2007 p. 19) afirma que “não é preciso amar uma pessoa para cuidar dela com respeito”.

O professor deveria se dispor a trilhar uma estrada educativa que não é composta só de livros, pesquisas, notas, rendimento escolar, conteúdos. Mas também de momentos extracurriculares, que são as oportunidades de mesclar o fator resultado com um parâmetro de bom senso e companheirismo, o que pôde ser observado, nesta categoria de ações preventivas, nos seguintes apontamentos: Escuta compreensiva (P6), Postura (P7), Empatia (P7), Dialogar (P16), Diálogos (P22).

Portanto, hoje, escola e professores encontram-se confrontados com novas tarefas: fazer da escola um lugar mais atraente e acolhedor para os alunos. Ela, a escola, tem que passar a ser encarada como um lugar de aprendizagem integral no lugar de um espaço em que o professor se limita a transmitir o saber ao aluno; deve tornar-se o local por excelência onde são elaborados os meios para desenvolver atitudes e valores. Só assim a escola será um dos pilares da sociedade do conhecimento e de humanização.

Foi interessante notar que, nesta categoria, os professores reconhecem a importância de palestra com profissionais habilitados, o que coadunou com a proposta do Curso de Formação para a prevenção do suicídio no contexto escolar. Fukumitsu (2005; 2012) incentiva para que faculdades e universidades ofereçam aulas sobre o manejo do comportamento suicida. Denota-se que para os docentes a formação continuada deve contemplar também as questões práticas da existência humana e não somente aquelas que nascem do campo teórico da sala de aula. Assim sugeriram os professores: Palestra (P1), Grupo de conversas, Palestras profissionais habilitados (P20).

4.1.5 - Encaminhamentos:

É importante ressaltar que a “solução ideal” para um aluno em risco de suicídio vai para além de levá-lo imediatamente para um atendimento multiprofissional. Tal situação poderia, se não resolvida, ser amenizada apenas e tão somente com um ambiente mais acolhedor, o que potencializaria as relações significativas já estabelecidas. Portanto um sorriso, um afago, uma pergunta como: “está tudo bem?”, “gostaria de falar a respeito?” “precisa de ajuda?” têm efeito quase que mágico para qualquer pessoa! Ou seja, é extremamente alentador. E com o aluno não é diferente, nem poderia: são seres humanos também.

Nesta categoria, é evidente a preocupação por parte dos professores ao se tratar da temática do suicídio, tornando-se imperativo que se façam os encaminhamentos necessários. Neste sentido, um fator importante para essa ação aparece nas respostas de alguns professores quando demonstram o desconhecimento do como agir ou encaminhar o estudante. É importante notar que, uma vez que um aluno apresente um comportamento suicida dentro do contexto escolar, cabe à instituição dar os devidos encaminhamentos que a situação requer, que vai desde a escuta e acolhimento inicial, que pode ser realizado pelos professores ou equipe multiprofissional, até o encaminhamento formal para os profissionais da área de saúde e o comunicado à família. Esse processo demanda muita responsabilidade e deve ser realizado de forma sistematizada. É possível encontrar essa preocupação por parte dos docentes, conforme demonstrado: Onde buscar ajuda para abordagem destes estudantes (P2); Encaminhamento para tratamento (P4); Para onde devemos encaminhar (P9); Quais setores da escola a quem devemos nos portar para solicitar ajuda (P17); Encaminhamentos (P22).

Segundo Beauvoir (2005, p. 88): “[...] apenas um sujeito pode justificar sua própria existência; nenhum sujeito estrangeiro, nenhum objeto saberia lhe trazer de fora a salvação”.

Portanto não se trata de prevenir “todos” os suicídios, mas de prevenir todos que podem ser “evitados”.

4.2 - Avaliação da Formação Continuada na Perspectiva dos Professores

Após o curso de formação, a avaliação ocorreu por meio de um questionário, com as seguintes temáticas: 1 - Importância do tema abordado. 2 - Aquisição de novos conhecimentos para sua atuação como profissional docente. 3 - Aplicação do tema à vivência escolar. 4 - A formação como um todo. Além disso, havia um espaço para observações/sugestões/contribuições. A análise a seguir apresenta o desdobramento dos dados obtidos.

4.2.1 - Importância do tema abordado - Sabe-se que os limites da docência “aparecem relacionados a situações concretas que não são passíveis de definições acabadas, e que exigem uma cota de improvisação e de habilidade pessoal, bem como capacidade de enfrentar situações mais ou menos transitórias e variáveis” (TARDIF et al, 1991, p.228). Com base nessa consideração do autor e se pautando nos dados obtidos, pode-se afirmar que os docentes perceberam a importância da discussão sobre a prevenção do suicídio no contexto escolar, pois 63,3% afirmaram que o curso “superou as suas expectativas” e 27,3% disseram que atendeu plenamente as suas expectativas. Esses dados importam quando se sabe que alunos em risco demandam do professor habilidade pessoal e capacidade de enfrentar situações mais ou menos transitórias e variáveis como as citadas acima.

Ao se conceber a atuação docente, é de suma importância que se considere fatos ou situações inesperadas que, inclusive, podem interferir na condução da prática educativa, pois esta é “caracterizada por uma multidimensionalidade, simultaneidade de eventos, imprevisibilidade, imediaticidade e unicidade. (...). Eventos inesperados e interrupções variadas podem, por sua vez, mudar igualmente a condução do processo instrucional” (MIZUKAMI, 1996, p.64). O papel de “mediador” do professor precisa ser ressignificado. Ou seja, precisa ser compreendido para além de uma mediação apenas no que tange aos aspectos puramente acadêmicos.

4.2.2 - Aquisição de novos conhecimentos para sua atuação como profissional docente - A prática docente vai muito além do conhecimento teórico ou de repasses de conteúdo. Mas entende-se ser uma combinação também da maneira de como ensinar. Porém, muitas vezes é compreendido de “forma mecânica e linear, nem sequer pode ser ensinado nas instituições de formação de professores, uma vez que representa uma elaboração pessoal do professor ao

confrontar-se com o processo de transformar em ensino o conteúdo aprendido durante o seu percurso formativo” (GARCIA, 1992, p.57).

Nessa pergunta, 45,5% afirmaram que o curso “superou as suas expectativas” e 45,5% disseram que atendeu plenamente as suas expectativas. Nos dados, percebe-se a satisfação dos professores no que se refere à aquisição de novos conhecimentos para sua prática docente. Por meio da formação continuada que foi realizada, foi dada uma ênfase à reflexão diante do tema e de como lidar com os estudantes. Para NÓVOA (1992), “A transformação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal” (p. 25).

Ao se propor um curso sobre a prevenção do suicídio, entende-se que questões de muita sensibilidade seriam abordadas. Diante disso, os participantes foram “convidados” a se permitirem refletir e rever conceitos, crenças e valores relacionados à sua vivência pessoal e profissional. As pesquisas realizadas por Nóvoa (1992,1995); Perrenoud (1993); Schön (1992) têm indicado que o professor, além de ter o conhecimento do conteúdo que ministra e o domínio da respectiva metodologia, incorpora também suas vivências pessoais durante a sua prática nas mais diversas situações de ensino.

4.2.3 - Aplicação do tema à vivência escolar - Segundo Arroyo, se os alunos não são mais os mesmos, então os professores também “já não podem ser mais os mesmos, pois o momento é desafiador, porque as próprias crianças, adolescentes e jovens nos exigem que aceleremos o ritmo e tomemos o passo da realidade que eles vivenciam” (ARROYO, p.11, 2004). Nessa pergunta, 54,5% afirmaram que o curso superou as suas expectativas e 27,3 apontaram que atendeu plenamente às suas expectativas. Portanto, como apresentado, o curso sobre a prevenção do suicídio no contexto escolar foi avaliado em mais da metade como superando as expectativas no que se refere à aplicação do tema à vivência escolar. O que, então, pode-se afirmar que a formação contribuiu na discussão de temas atuais advindos de rupturas sociais e questões existenciais pouco discutidas em cursos de formação para professores.

4.2.4 - A formação como um todo - Como se pode observar, a formação continuada em serviço sobre a prevenção do suicídio no ambiente escolar pôde proporcionar a articulação de saberes dos professores, por meio do conhecimento compartilhado fortalecendo a docência nas situações cotidianas. Também serviu para a discussão sobre as a complexidade da sala de aula em relação ao tema abordado. 81,8 % dos professores pesquisados afirmaram que a

formação superou e atendeu plenamente às suas expectativas. Portanto fica evidente a satisfação e aprovação dos professores que participaram do curso de formação continuada em serviço.

Faz-se necessário que temas complexos também seja pauta de discussões no ambiente escolar, pois “para que o professor tenha condições de criar ambientes de aprendizagem que possam garantir esse movimento (contínuo de construção e reconstrução do conhecimento) é preciso reestruturar o processo de formação” (ALMEIDA, 1998, p. 2-3).

4.2.5 - Observações, contribuições e sugestões.

(...) O Curso atendeu plenamente minhas expectativas, e até superou em muitos pontos. Entretanto criou muitas outras: no sentido de perceber nossas fragilidades como ser humano e nossas possibilidades de ajudar o outro; e institucionalmente como dar suporte aos servidores para se perceberem e se ajudarem, perceber os alunos e ajudá-los. (P1)

Dada a relevância do tema, sugiro que continuemos no ano que vem com esse tema. (P4)

Percebe-se diante de todos os resultados aqui apresentados, que de forma geral, o curso de formação de professores com o tema Prevenção do suicídio no contexto escolar superou as expectativas dos participantes: Possa cada vez mais contribuir com a formação do ser humano, preciso agradecer a importância e beleza deste momento (P9).

Diante disso, entende-se que a formação continuada em serviço alcançou o objetivo proposto e pôde acrescentar, de forma significativa, novos conhecimentos tanto para a prática docente quanto para a vivência no contexto escolar, como exposto anteriormente pelos professores.

5 Considerações finais

Este artigo teve como objetivo apresentar o resultado da oferta de uma formação continuada que refletiu sobre a prevenção do suicídio no contexto escolar. Em decorrência da avaliação da formação, percebeu-se que ela contribuiu para uma reflexão na forma de como a relação professor-aluno pode colaborar para a prevenção do suicídio e de como a formação continuada pode ser uma importante aliada para que essa temática faça parte das reflexões no universo escolar.

Por meio da formação foi possível socializar conhecimentos sobre o comportamento suicida, ponderando sobre atitudes que poderiam ser tanto tomadas ou evitadas dentro do contexto educacional e que podem ser fatores protetivos ou disparadores para o risco do suicídio na escola.

A análise desses aspectos sobre a educação é altamente relevante, pois chama a atenção para o fato de que as escolas não devem preocupar-se apenas com conteúdos teóricos, mas também com o desenvolvimento do indivíduo como um todo. O professor tem um papel fundamental nesse processo ao ser sensível às demandas existenciais dos seus alunos. Skinner (1978, p.15) afirma que “os homens agem sobre o mundo, modificam-no e, por sua vez são modificados pelas consequências de sua ação”.

Portanto, atitudes de empatia poderão fazer grande diferença na vida de todos, trazendo consequências positivas no contexto escolar. Diante disso, a formação de docentes poderá influenciar a relação professor-aluno, favorecendo a prevenção contra o comportamento suicida por meio de uma postura humanizada e intencional.

A visão omnilateral é de grande importância na vida do ser humano, inclusive na prevenção do suicídio dentro do contexto escolar, pois considera o indivíduo como um ser biopsicossocial e não apenas seus aspectos cognitivos. Além disso, pôde-se perceber por todo percurso da pesquisa que a inter-relação entre a Educação e a visão omnilateral podem contribuir para a formação do sujeito em toda sua complexidade e singularidade.

Por fim, diante das leituras feitas e o aparecimento de novos questionamentos, sugere-se a continuidade desse estudo com pesquisa de campo, tanto com professores como estudantes, com intuito de compreender como as relações entre estudantes e professores poderiam contribuir com a prevenção do suicídio no contexto escolar. Dessa forma, fica aberta a reflexão para o compromisso tanto de professores e demais interessados do tema para que essa questão seja levada em consideração e aplicada de forma prática e sistemática no contexto da Educação. Se assim for feito, se estabelecerá possibilidades para que o saber “aprender a ser” e “aprender a conviver” sejam verdadeiramente importantes como pilares fundamentais para uma educação integral ao longo da vida e em todos os aspectos.

Referências

ALMEIDA, Maria. E. Novas tecnologias e formação de professores reflexivos. *In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO*, 9., 1998, Águas de Lindoia. *Anais* [...]. Águas de Lindoia, 1998. p. 1-6.

ANTUNES, Celso. **A inteligência emocional na construção do novo eu**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

ARROYO, Miguel. **Imagens quebradas**: trajetórias e tempos de alunos e mestres. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução. Luís Antero Reto. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 1995.

BEAUVOIR, Simone de. **Por uma moral da ambiguidade**. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BUENO, Marcelo C. **As coisas que o afeto ensina**. São Paulo, 1 jul. 2011. Disponível em: <http://marcelocunhabueno.blogspot.com.br/2011/07/as-coisas-que-oafeto-ensina.html>. Acesso em: 10 mar. 2020.

CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA VIDA (CVV). **Prevenção ao suicídio se faz com aceitação e compreensão**: experiência do Centro de Valorização da Vida. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2005.

CUNHA, Jurema A. **Psicodiagnóstico-R**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ENS, Romilda T. **Significados da pesquisa segundo alunos e professores de um curso de Pedagogia**. 2006. 138 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FUKUMITSU, Karina. **A vida não é do jeito que a gente quer**. São Paulo: Digital Publish & Print, 2016.

FUKUMITSU, Karina. **Programa RAISE**: gerenciamento de crises, prevenção e posvenção do suicídio em escolas. São Paulo: Phorte, 2019.

FUKUMITSU, Karina. **Suicídio e Gestalt-terapia**. São Paulo: Digital Publish & Print, 2012.

FUKUMITSU, Karina. **Suicídio e luto**: histórias de filhos sobreviventes. São Paulo: Digital Publish & Print, 2013.

FUKUMITSU, Karina. **Suicídio e psicoterapia**: uma visão gestáltica. São Paulo: Livro Pleno, 2005.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GARCIA, Carlos M. A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. *In*: NÓVOA, António. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se a mudança e a incerteza**. Tradução Silvana Cobucci Leite. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LEITE, Sérgio A. S.; TASSONI, Elvira C. M. **A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor**. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASL-AAfetividadeemSaladeAula.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2020.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MINAYO, Maria Cecília S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2007.

MIZUKAMI, Maria da Graça N. Docência, trajetórias pessoais e desenvolvimento profissional. *In*: REALI, Aline M. M. R.; MIZUKAMI, Maria da Graça N. (org.). **Formação de professores: tendências atuais**. São Carlos: EdUFSCar, 1996.

NÓVOA, António. Concepções e práticas da formação continuada de professores. *In*: _____ (org.). **Formação contínua de professores: realidade e perspectivas**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1991.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da saúde em atenção primária**. Genebra: OMS, 2000. Disponível em: https://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_phc_port.pdf. Acesso em: 15 set. 2019.

PEREIRA, Gilson A. **Limites e afetividade**. Canoas: Ulbra, 2004.

PERRENOUD, Philippe. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas**. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

RAPELI, Claudemir B.; BOTEGA, Neury J. Perfis clínicos de indivíduos que tentaram suicídio com maior gravidade admitidos num hospital universitário. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 27, n. 4, p. 285-289, dez. 2005.

RODRIGUES, Neidson. Educação: da formação humana à construção do sujeito ético. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 22, n. 76, out. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302001000300013. Acesso em: 10 mar. 2020.

SACRISTÁN, José G.; PÉREZ GÓMEZ, Ángel I. **Compreender e transformar o ensino**. Tradução de Ernani F. da Fonseca Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SANTOS, Lucíola L. C. P. Dilemas e perspectivas na relação ensino e pesquisa. *In*: ANDRÉ, Marli (org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática de professores**. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

SCHÖN, Donald. Formar professores como profissionais reflexivos. *In*: NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SHNEIDMAN, Edwin. **Suicide as psychache: a clinical approach to self-destructive behavior**. London: Jason Aronson, 1993.

SKINNER, Burrhus F. **Contingência do reforço: uma análise teórica**. Tradução Rachel Moreno. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

SKINNER, Burrhus F. **O comportamento verbal**. Tradução M.P. Villalobos. São Paulo: Cultrix, 1978.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude; LAHAYE, Louise. Os professores face ao saber: esboço de uma problemática do saber docente. Tradução de Léa Pinheiro Paixão. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 4, 1991.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

VIGOTSKI, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Tradução de José Cipolla Neto, Luis Silveira M. Barreto e Solange Castro Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, Henry. A psicologia genética. *In*: _____. **Psicologia e educação da infância**. Tradução de Ana Ra. Lisboa: Estampa, 1986.

ZINKER, Joseph. **Processo criativo em Gestalt-terapia**. Tradução de Maria Sílvia Mourão Netto. São Paulo: Summus, 2007.